



Relato de experiência

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFAC: ensino-aprendizagem e o espaço físico

Ana Clara Brito de Oliveira¹
Luciney Araújo Leitão²

Resumo

O presente artigo apresenta uma síntese das ideias e um relato de experiências apreendidas no período de realização da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Ensino em Ciências Sociais II. O artigo tem por objetivo discutir brevemente sobre o ensino-aprendizagem desenvolvido no componente curricular de Sociologia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre (CAp-UFAC), bem como, expor condensadamente e descritivamente a respeito do espaço físico do CAp-UFAC. Por metodologia utilizou-se dos direcionamentos adotados pelas descritiva e bibliográfica, em consonância com as características do estágio em escolas. Diante das análises realizadas, foi possível compreender os objetivos da disciplina de Sociologia no colégio e suas formas de atingir esses objetivos. Percebeu-se, a partir da convivência no colégio que, o espaço físico da escola em questão ainda está intimamente atrelado às tendências pedagógicas tradicionais da educação formal, mesmo que no seu processo de ensino-aprendizagem prevaleça perspectivas pedagógicas progressistas.

Palavras-chave: Estágio Curricular. Sociologia. Ensino-aprendizagem. Espaço físico. Colégio de Aplicação.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: ana.brito478oliveira@gmail.com

² Professor de Sociologia EBTT no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre - CAp/UFAC. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). E-mail: araujo.ney@gmail.com

UFAC APPLICATION COLLEGE: Teaching, Learning, and the Physical Space

Abstract

This article presents a synthesis of ideas and a report on experiences learned during the Supervised Curricular Internship in Social Sciences Teaching II. The article aims to briefly discuss the teaching and learning process developed in the Sociology curricular component at the Federal University of Acre (CAp-UFAC) Application College, as well as to briefly and descriptively present the physical space of CAp-UFAC. The methodology used was based on the guidelines adopted in descriptive and bibliographical research, in line with the characteristics of internships in schools. Based on the analyses performed, it was possible to understand the objectives of the Sociology subject at the college and the ways in which these objectives are achieved. From our experience at the school, it became clear that the physical space of the school in question is still closely tied to the traditional pedagogical trends of formal education, even though progressive pedagogical perspectives prevail in its teaching and learning process.

Keywords: Curricular Internship. Sociology. Teaching and Learning. Physical Space. Application School.

INTRODUÇÃO

A experiência do Estágio Supervisionado II foi desenvolvida no Colégio de Aplicação da UFAC. O colégio possui por essência e objetivo coletivo da sua comunidade a característica de laboratório educacional, pois, em teoria constitutiva, é um espaço para receber os estudantes de licenciatura da Ufac (Lima *et al*, 2021) e acompanhá-los no processo de inserção ao trabalho docente. A inserção dos estudantes à prática docente, nos Colégios de Aplicação, não será capaz de fornecer todas as experiências subjetivas existentes em diversos contextos educacionais distintos, contudo, fornece ao graduando, uma colaboração institucional assegurada no seu processo formativo. Atualmente, a escola oferta a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, possuindo como base pedagógica o tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão.

Este artigo apresenta, de forma sucinta, um relato de experiência com breves análises a respeito do ensino-aprendizagem desenvolvidos na disciplina de Sociologia do CAp-UFAC. Para a sua construção, foram utilizadas características de pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva (Gil, 2008). Levando em consideração a essência do Estágio Supervisionado, os diálogos com estudantes e professores foram esporádicos e casuais. Os momentos de diálogos ocorreram sem planejamento prévio, mas, apenas após a devida apresentação do estudante estagiário aos alunos e demais funcionários da instituição.

Parte do objetivo proposto, é descrever as facetas do processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Sociologia. Diante disso, entender-se-á que “Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo. O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem” (Libanêo, 2013, p. 86-87). Então, durante o desenvolvimento do texto, se entende que ensino e aprendizagem são indissociáveis, aspecto este que esteve presente nas observações realizadas no CAp-UFAC, sempre relacionando as ações do professor com as ações e reações dos estudantes.

1

A ESCOLA

Atualmente a escola está intimamente ligada ao processo educacional formalizado, o que difere da origem da palavra em si. A palavra escola tem no Latim a forma *schola*³, e no grego *scholé*, em que, na Grécia sua concepção está atrelada ao lazer, recreação, ao momento destinado para desfrutar de conhecimento. A mudança a respeito da percepção do que seria a escola ao longo dos séculos acompanhou as transformações históricas, sociais e culturais que ainda acontecem. O que se entende por educação nos dias atuais também é

³ Disponível em: <https://etimologia.com.br/escola/>

reflexo dessas diversas modificações, e apresenta variabilidade de acordo com a sociedade na qual se utiliza.

A respeito da educação, Brandão (2007) tem muito a contribuir, o autor reforça a multiplicidade de sentidos que a educação pode assumir de acordo com o local na qual está inserida, a existência de percepções divergentes a respeito da educação ideal que cada organização social idealiza. O ato de educar não é uma exclusividade da escola formal, nem mesmo pode ser feito de apenas uma forma, tampouco é objeto de uma única sociedade, mesmo que a escola faça esforços para monopolizar a educação (Brandão, 2007; Canário, 2005), ela continua sendo uma atividade presente em diversos ambientes.

Historicamente a escola foi se adaptando à realidade capitalista. Durkheim (1979) conceitualiza a educação como um processo socializador, essa ideia foi fortemente considerada ao pensar nas primeiras escolas públicas, aquelas voltadas à classe trabalhadora. A ideia de um ambiente que possua práticas de inserir os indivíduos dentro de seus conceitos padronizados de cidadania, bem como, preservar a organização econômica capitalista, sua forma desumanizada e fria. O trabalho fabril passou a exigir novos níveis de conhecimento básico, o que colaborou para a sociedade burguesa conceber a escola para o povo (Enguita, 2002). Identificar a intencionalidade inicial da escola na sociedade capitalista é fundamental para refletirmos até que ponto essa mesma organização econômica e social permite a implantação de educação transformadora no ensino.

2 ASPECTOS ENSINO-APRENDIZAGEM NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

A educação escolar é um direito de todos os cidadãos brasileiros assegurado por lei e é ofertada em todas as etapas de forma gratuita em instituições próprias (BRASIL, 1996). A organização desse ensino básico atualmente está postulada na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que condiz ideologicamente

com seus formuladores. Silva (2001) pontua que o currículo expressa a organização social na qual está historicamente inserido, servindo majoritariamente como delimitação da sociedade materializada pela classe economicamente dominante. Mesmo que existam constantes tensões entre os mais diversos grupos sociais, persistem as concepções ideológicas neoliberais (Libâneo; Freitas, 2018) que se reafirmam constantemente através da educação escolar. Santos (2010) afirma que o currículo é um espaço de constante contestação, dessa forma, mesmo com os limites da educação neoliberal, ainda é preciso ocupar os espaços de deliberação, bem como procurar contornar o engessamento educacional que o modo de produção capitalista gera.

O Colégio de Aplicação continua articulando seu currículo escolar de acordo com o antigo Plano Nacional de Educação (PNE), que foi substituído pela BNCC. De acordo com os professores de Sociologia e Geografia do CAp-UFAC, a não incorporação da Base Nacional Comum Curricular no CAp-Ufac se dá pela autonomia didático-pedagógica que a instituição federal possui. Diferente das escolas públicas estaduais que precisam aplicar enfaticamente as determinações do currículo construídas pelas secretarias de educação, a escola universitária pode avaliar essas diretrizes e construir internamente seu currículo.

A autonomia didático-pedagógica, aplicada à construção do currículo escolar e aos planos de ensino não é uma realização neutra, mas ideologicamente embasada. Luckesi (2011) contribui para um melhor entendimento das intencionalidades por trás das nossas ações a nível micro ou macro, reafirmando que elas são políticas, por isso a delimitação ideológica do professor precisa ser pensada para mediar os seus resultados. Então, é a partir de alinhamentos entre “[...]opções filosófico-políticas[...]” (Luckesi, 2011, p. 118) que o ato de planejar qualquer dimensão da burocracia escolar (currículo formal, plano de ensino, plano de aula, etc) se desenvolve.

O Estado do Acre tem como delimitador educacional para as escolas e professores o *Currículo Único de Referência do Acre* (2020a) que, seguindo os

parâmetros da atual BNCC, organiza seus conteúdos através do princípio da transversalidade. Os conteúdos são agrupados nas áreas, essas áreas são os agrupamentos dos componentes curriculares. O professor de Sociologia do Colégio de Aplicação, elabora seu plano de ensino por temas, optando por uma transposição dos conteúdos de Ciências Sociais. A transposição realizada pelo professor se apoia na perspectiva de Sociologia Escolar (Bodart, 2018), que não vê a disciplina de Sociologia como uma matéria voltada a doutrinação moral e cívica, mas sim, um espaço para demonstrar a cientificidade das Ciências Sociais, e até certo ponto, possibilitar aos estudantes a utilização dessa ciência para analisar fenômenos sociais.

Nas Imagens 1, 2 e 3, pode-se ver respectivamente a ementa e o objetivo geral dos planos de ensino do professor de Sociologia para as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio, que estão em vigência atualmente.

Imagem 1 – Ementa do primeiro ano do Ensino Médio.

1. Ementa: (síntese do conteúdo da disciplina que consta no projeto pedagógico do curso).
A Sociologia como Ciência da Sociedade. Os diferentes discursos sobre a realidade social. As culturas, a sociedade, o indivíduo e a construção da Sociologia como ciência. Os processos de socialização e as instituições sociais na formação do indivíduo e da Sociedade. A construção da teoria sociológica através dos pensadores clássicos da Sociologia A construção das ciências sociais no Brasil a partir da literatura sociológica dos pensadores brasileiros.
2. Objetivo Geral: (aprendizagem esperada dos alunos ao concluir a disciplina).
Compreender, analisar e identificar a sociologia a partir da análise dos vários discursos sobre a realidade social, desenvolvendo um novo olhar sobre a percepção da sociedade e sobre si mesmo

Fonte: Plano de Curso da disciplina de Sociologia do CAp-U FAC.

Imagem 2 – Ementa do segundo ano do Ensino Médio.

1. Ementa: (síntese do conteúdo da disciplina que consta no projeto pedagógico do curso).
A violência no contexto de legitimidade e formas de vigilância social e pacificação. <ul style="list-style-type: none">• A construção da unidade tem como foco problematizar as relações entre a desigualdade social, violência, criminalidade e segregação socioespacial. Abordando que, o Estado, ao mesmo tempo que tem a função de conter conflitos, também a instituição responsável pelo monopólio legítimo do uso da força.
A concepção antropológica de cultura e suas escolas teóricas. <ul style="list-style-type: none">• O debate antropológico acerca do conceito de cultura é priorizado, bem como as posturas relacionadas às diferenças culturais, tais como o etnocentrismo, a alteridade e o relativismo cultural. Por meio da problematização do conceito de cultura pela perspectiva antropológica, o objetivo central é perceber e valorizar a diversidade cultural, buscando compreender cada cultura por suas próprias categorias e superar a visão etnocêntrica.
A organização do mundo do trabalho. <ul style="list-style-type: none">• A construção da unidade é problematizar o conceito sociológico de trabalho, em particular como as relações trabalhistas são estabelecidas na sociedade capitalista. Para tanto, parte-se da análise das modificações no trabalho com o advento da sociedade industrial e as diferentes formas de organização dos processos produtivos.
2. Objetivo Geral: (aprendizagem esperada dos alunos ao concluir a disciplina).
Compreender o processo de construção cultural das sociedades, suas relações de gênero, de trabalho como princípio da sociabilidade humana, como fonte de produção da riqueza, da miséria, estratificação e desigualdade social.

Fonte: Plano de Curso da disciplina de Sociologia do CAP-UFAC

Imagem 3 – Ementa do terceiro ano do Ensino Médio.

1. Ementa: (síntese do conteúdo da disciplina que consta no projeto pedagógico do curso).
- Política e relações de poder através da teoria sociológica clássica. Interpretação de construção de Estado através da Escola de Ciência Política Norte-Americana. Construção da concepção de Estado Moderno. Leitura das organizações e movimentos sociais contemporâneos. Cidadania e Direitos Humanos; Indústria cultural e Escola de Frankfurt e construção da cultura de massa; Introdução a Sociologia Agrária e sustentabilidade através da leitura crítica da tragédia dos comuns e seus reflexos no mundo contemporâneo; Tópicos especiais em Sociologia Contemporânea.
2. Objetivo Geral: (aprendizagem esperada dos alunos ao concluir a disciplina).
Compreender o processo de construção da democratização no mundo e no Brasil, a fim de contribuir para a formação crítica, autônoma e transformadora de si e da realidade em que vive. Construção de uma leitura crítica da indústria cultural e sociedade de consumo; Construção de uma abordagem acerca da temática agrária no Brasil; Leitura teórica das relações sociais na Pós-modernidade.

Fonte: Plano de Curso da disciplina de Sociologia do CAP-UFAC

Fica então em evidência o constante esforço de transposição didática, que, segundo Silva (2013), refere-se à adaptação entre os objetivos do campo científico para os objetivos do campo educacional básico. Sendo possível identificar como intenção do professor, esse caráter científico, não apenas dar aulas com temas que os alunos podem usar no dia a dia, mas sim, apreender o teor científico das Ciências Sociais.

Como citado anteriormente, os professores constroem coletivamente e individualmente seus planos de ensino. O docente anualmente faz adaptações dos conteúdos inseridos a partir da ementa e do objetivo geral e específicos, bem como, já ocorreu de remover alguns conteúdos da sua disciplina por esses já serem ministradas por outros professores, a exemplo disso os autores contratualistas, que mesmo sendo um conteúdo da Ciência Política, não é trabalho pelo professor de sociologia e sim pelo professor de filosofia. Então, essas articulações acontecem entre os professores, no caso, o enfoque da observação esteve na área de humanidades.

O planejamento e a aplicação do plano de ensino também envolvem, além dos conteúdos programados, a metodologia de ensino e a avaliação da aprendizagem. Historicamente a educação básica formal engessa esses elementos, incentivando apenas a transmissão dos conteúdos e a aplicação de exames (Libânio, 2013), apesar de existirem avanços, na prática eles são mínimos. Albuquerque (2002) reforça a necessidade de aguçar a percepção sobre o contexto social, econômico e histórico no qual a prática de ensino se realiza, isso para continuar fomentando a necessária transformação no atual modelo de educação.

Atualmente existem muitas ideias distintas sobre como deve ser a prática de ensino e a avaliação da aprendizagem. O docente de Sociologia do CAP-Ufac vê uma maior adaptação das suas turmas com aulas mais dialogadas e interativas, mas não sendo apenas uma interação forçada, e sim, uma tentativa de mostrar aos estudantes que o professor em questão não é o único detentor de conhecimento daquele espaço. Nessa perspectiva, existe uma aproximação da prática de ensino do professor com o não apagamento do senso comum, e inclusive a relevância desse conhecimento prévio, o que Santos (2003) reforça, desconstruindo a oposição de bem e mal entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico.

A bagagem de senso comum na qual os alunos trazem da sua casa, seus familiares, bairro e outros grupos sociais que compõem, são usadas pelo professor

tanto para dinamizar a aula com relatos extrovertidos, quanto para facilitar a compreensão do conteúdo abordado. Um exemplo disso foi uma das aulas sobre *Sociedade do consumo*, que apresentava aos estudantes a indústria cultural a partir de Adorno e Horkheimer, em que o docente questionou quem gostava de novelas e quais eram suas favoritas, após o questionamento algumas estudantes se manifestaram citando novelas mexicanas que passam no canal de tv SBT; a partir da empolgação dessas alunas, o professor solicitou que elas explicassem para a turma o enredo de sua novela favorita. Com a exposição dos enredos, ficou clara a existência de uma padronização das histórias mais consumidas, e como a indústria cultural rearticula a atuação.

Durante as observações das aulas de ensino médio, a avaliação foi uma temática muito evidente, visto que o professor compreende as atividades de avaliação de aprendizagem na sua forma contínua, sendo contrário a aplicação de provas como única forma de analisar se os objetivos propostos para cada unidade temática foram atingidos. Como aponta Libâneo (2013), a prática de avaliar o que os alunos abstraíram em determinado tempo é uma tarefa permanente do professor, por isso não se deve deixar de realizá-la, mas fazê-la de forma engessada e classificatória, pouco diz sobre atingir ou não os objetivos da educação. No CAp-UFAC, se tornou obrigatória a aplicação de ao menos uma prova, bem como, não é permitida a utilização de uma única forma de avaliação, é preciso ao menos uma prova valendo 5 e outros 5 pontos de atividade, totalizando 10 pontos.

Na matéria de Sociologia, a prova que precisa ser aplicada normalmente vale menos de 5 pontos, às vezes vale 2,5 ou 3 pontos, priorizando questões discursivas, e o restante da composição da nota se dá por variadas atividades. Dentre as atividades que mais são solicitadas aos alunos, estão os fichamentos de texto e mapas mentais, além de questões discursivas sobre determinado conteúdo. Em um único bimestre os alunos realizam várias atividades valendo de 0,5 a 1 ponto, normalmente para cada uma ou duas aulas elas são solicitadas a eles, o

professor opta por aproveitar o período em que os alunos ainda estão com o conteúdo *fresco* em suas memórias. Então, usar avaliações formativas diferentes com maior frequência, permite aos estudantes identificar aquelas que podem ter mais facilidade ou dificuldade. Também favorece a preservação da diversidade da turma, que as avaliações padronizadas reprimem.

Outro aspecto da metodologia é o retorno dos alunos, que não é apresentado mediante uma nota acima ou abaixo da média, mas pela própria opinião dos estudantes. O professor regente aplica formulários via *google forms* às suas turmas pelo menos uma vez ao ano, para que ele possa identificar as fragilidades das suas abordagens pedagógicas, bem como, seus pontos mais fortes e com melhor retorno. O docente afirma inclusive que mesmo os alunos sabendo que o professor verá quem enviou cada resposta, eles ainda mantiveram sinceridade nas opiniões. No questionário aplicado no ano passado, o professor identificou que alguns estudantes disseram ter dificuldade em entender as abstrações apresentadas em sala, por isso, esse ano ele aumentou o número de aulas por conteúdo, para que pudesse acompanhar o desenvolvimento de cada estudante o máximo possível. Vale ressaltar que esse questionário também se tornou um trabalho que foi apresentado no VIII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, trabalho esse construindo em colaboração com duas discentes (Martins; Oliveira; Leitão, 2023), que abordaram sobre a sociologia escolar do CAP-Ufac.

Durante o período de estágio houveram muitas oportunidades de conversar com os estudantes e ver eles conversando entre si, por vezes foi possível fazer perguntas despreziosas. Esses momentos permitiram perceber que os alunos das três séries de Ensino Médio aprovam as aulas expositivas e dialogadas do professor, assim como se sente à vontade nessas aulas, até mesmo gostavam da forma de organizar a turma em círculo antes de iniciar as explicações, inclusive, é um ponto que o professor lamenta não poder fazer nas turmas de primeiro ano, pois as salas deles são menores comparadas às demais. Porém, quando se trata

das atividades avaliativas, apenas os alunos de terceiro ano têm preferência por prova e simulado, valendo 5 cada um. Segundo eles, ao estudarem para o Enem, ter todos os professores passando muitas atividades ao longo do bimestre é mais desgastante. As turmas de primeiro e segundo preferem realizar mais atividades variadas e trabalhos ao invés de realizar prova e simulado.

A respeito da realização de pesquisa e extensão, atualmente o professor está desenvolvendo pelo segundo ano um projeto de ensino junto a alguns alunos. O Projeto de ensino é o *Afrocientista*, que conta com o pagamento bolsas remuneradas, o seu desenvolvimento foi possível através de uma parceria entre o docente e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Nessa ação, ocorre rodas de conversa voltadas ao letramento racial, bem como a promoção de oficinas de textos acadêmicos, grafismo e fotografia. Na Foto 4 abaixo pode-se ver o primeiro encontro *Afrocientista*.

Imagem 4 – Roda de conversa do Afrocientista realizada no LIFE (Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores)



Fonte: De autoria dos autores.

Então, o projeto *Afrocientista*, promovendo conteúdos de grande retorno social, que é o letramento racial para adolescentes, através do trabalho não só de conhecimento histórico, mas, incorporando debates sobre autoestima das pessoas

pretas e pardas, também impacta positivamente na promoção de bolsas e iniciação científica desses estudantes, pois, ao precisarem ao final do curso escrevem e submetem um resumo científico. Durante o desenvolvimento do projeto são realizadas além rodas de conversas, oficinas de grafite, fotografia e escrita acadêmica, assim como os estudantes recebem atribuições de temáticas para apresentar aos demais alunos.

3 **ESPAÇOS DE ENSINO FORMAL E O COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

Nas observações das aulas e propostas pedagógicas na matéria de Sociologia, ficou clara a intenção de uma educação formal que não se limite a centralizar todo o processo de ensino-aprendizagem ao professor, mas estabelecer uma relação entre professor e aluno nesse caminho. Contudo, os espaços físicos exercem um papel importante nessa relação escolar. Por isso, descrever-se-á as condições do espaço físico do CAp-UFAC, visando entender se a perspectiva progressista das aulas também engloba este outro aspecto.

É importante salientar que nesse artigo, discute-se de forma introdutória o conceito de espaço, nos limitando a falar do espaço escolar. Harvey (1992) define a existência de espaço como um local estudado de forma isolada, necessitando assim de uma análise profunda e com a devida contextualização. O autor enfatiza que as conceituações de espaço “[...] são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social”, então, os direcionamentos expostos adiante, não são limitantes teóricos, mas sim, uma dentre muitas abordagens teórica-conceitual.

De acordo com Elias (2006), apenas a dimensão física do espaço não expõe todo o conteúdo social que envolve o conceito, dessa forma, entender-se-á tal qual Frehse (2013, p. 69) que “[...] o espaço é um conjunto de relações”, não sendo estaticamente algo externo, dito isso, “Observar o espaço significa observar as

práticas sociais que o constituem” (Silvano, 2017, p. 46), o que implica no reforço de um entendimento do espaço físico enquanto parte de determinado contexto social, histórico e econômico.

O espaço físico escolar tem seu desenvolvimento arquitetônico inteiramente relacionado ao desenvolvimento da educação formal no modo de produção capitalista. Como já mencionado anteriormente, a escola possui uma longa trajetória de esforço para monopolizar a educação, e o capitalismo que desenha essa escola socializadora, tem suas bases ideológicas muito bem delimitadas. O modelo econômico em questão, ao constituir as primeiras escolas acessíveis à classe trabalhadora, de antemão, já tinha o modelo de indivíduo que almejava produzir e reproduzir, esse seria perfeitamente encaixado às fábricas, dessa forma, como coloca Enguita (2002), a necessidade de estimular a ordem presente nas escolas até os dias atuais, não é neutra, mas sim, reflexo dessa idealização do capital. Escolano (2001) diz justamente que a arquitetura escolar expressa materialmente bases ideológicas, mas o autor deixa explícito que os avanços nos estudos da pedagogia já podem ser encontrados também expressos em instituições de ensino.

No Brasil, o processo de escolarização é longo, mas apenas a partir de 1811 que surgem os espaços físicos voltados especificamente para as escolas primárias (Faria Filho; Vidal, 2000), e em 1890, segundo Faria Filho e Vidal (2000), essas construções visavam a demonstração do poder governamental. De acordo com Josephine (2021, p. 3-4):

No Final do século XIX e começo do século XX, a arquitetura escolar tinha o intuito de se universalizar, atingindo as classes sociais mais abastadas, e a instrução primária tornou-se obrigatória e gratuita. A arquitetura escolar dessa época foi projetada por arquitetos de renome internacional, com formação europeia, como Ramos de Azevedo, Victor Dugubras, Manuel Sebater, Carlos Rosencrantz, Artur Castagnoli. O programa arquitetônico caracterizava a simetria da planta com uma rígida separação entre as alas femininas e masculinas, diminuindo o número de salas administrativas e focando em salas de aula.

O aspecto de se inspirar na cultura europeia corresponde a uma prática comum desde a Primeira República (Saliba, 2012), a *inspiração* na infraestrutura e no ensino-aprendizagem também é uma característica perceptível. Esses prédios com estruturas muito bem copiadas de outros países, que correspondiam ao epicentro do desenvolvimento capitalista, como já dissemos, não são estruturas neutras. Foucault (1987), no percurso de sua teorização sobre o controle massivo dos corpos, apresenta como as instituições operam na substituição das punições por tortura, isso pois, torna os corpos maleáveis e pacíficos dispensa a utilização da punição direta, mas deixa as prisões como última ferramenta de controle da ordem. Mas, um dos aspectos para enfatizar, está justamente na arquitetura dos prédios de controle social, pois, Foucault (1987, p. 249) ao indagar se “Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” explora como todas as dimensões dos processos de socialização estão relacionados a refrear os indivíduos.

Miranda, Pereira e Rissetti (2016) falam sobre o necessário destaque ao espaço físico educacional e como ele proporciona sociabilidades diferentes, pois, os espaços, os agentes e seus respectivos contextos sociais também se modificam. A estrutura escolar, que varia de uma instituição para outra, reflete suas especificidades.

A ambientação do Colégio de Aplicação, como em muitos outros espaços educacionais, proporciona experiências específicas. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre foi sediado durante 40 anos em um prédio no centro da capital do Acre, Rio Branco, na esquina entre a Avenida Ceará e a Avenida Getúlio Vargas. Em 2022, o prédio foi interditado, e as aulas foram de início realocadas para o prédio da Estácio/Unimeta, uma instituição de ensino superior privada. Em um acordo com o governo do estado, visto que a região onde estiveram por muitos anos, foi incluída na área de obras que o Governo Estadual está desenvolvendo no centro da cidade, então o CAp-UFAC foi mais uma vez

realocado, para as dependências do Detran, espaço esse que fora cedido pelo Estado, que anteriormente também foram de uma universidade privada, a U:verse. Há uma emenda parlamentar para a construção de um novo prédio próprio, no campus da UFAC, mas as obras ainda não foram inauguradas.

A caracterização apresentada por Foucault ainda está presente na atualidade, o Colégio de Aplicação da UFAC pode ser um exemplo fatídico, pois, como vemos respectivamente na Imagem 5, 6 e 7 a semelhança entre o corredor do CAp-Ufac com o corredor de uma penitenciária e um hospital, é abissal.

Imagem 5 – Corredor das salas de aula do Cap-UFAC.



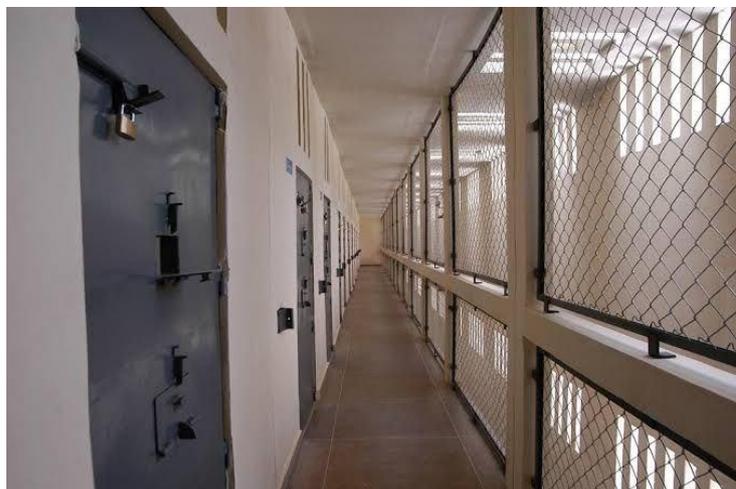
Fonte: De autoria dos autores.

Imagem 6 – Corredor de um hospital.



Fonte: Autoria desconhecida.

Imagem 7 – Corredor de uma penitenciária.



Fonte: Autoria desconhecida.

A ambientação na qual ocorre a etapa da educação básica possui interferência direta com a imersão dos estudantes nesse contexto, bem como suas definições por gostar ou não de frequentar a escola, além de influenciar o sentimento de receptividade transmitido pela instituição. Martins (2018) reitera a condição educativa do espaço escolar, dito isso, vale chamar a atenção para as diversas possibilidades, ideias e concepções que os estudantes preservaram nas suas memórias sobre a etapa educacional, tendo sempre como referência de instituição, prédios estruturados às semelhanças de prisões e hospitais que aparecem em filmes de terror. Contudo, mesmo que as afirmações já feitas sejam realidade do CAP, não é a única escola seguindo essa condição, pelo contrário, a educação brasileira e sua arquitetura está ainda imersa nesse contexto exposto por Foucault nos anos de 1980, por isso, não cabe ao artigo fazer juízo de valor, mas descrever a realidade do colégio, nem como, relacionar a bases teóricas já existentes sobre as temáticas levantadas.

A comparação entre os corredores foi fruto de uma experiência vivenciada na visita ao prédio atual do colégio, em que uma estudante assim que entrou na sala de aula falou sobre como o colégio parecia um *manicômio*. A partir do relato

da aluna, vemos que os próprios discentes percebem essas semelhanças estruturais, e vão criando aversões ao espaço, da mesma forma que sempre relacionam a punição e o desprazer aos estudos e à escola, isso porque, após a saída da educação infantil, o acesso ao lazer precisa ser feito apenas fora das paredes do colégio, diferente das aulas voltadas às crianças entre 4 e 5 anos, que visam aprender brincando.

Diante do que foi pontuado, as tentativas de pensar uma estrutura de ensino dentro das tendências pedagógicas progressistas, podem ser minimizadas visto o meio que estão inseridas. Uma estrutura que não representa a cientificidade, tampouco o tripé universitário, mas que pode facilmente ser comparada ou confundida com hospitais e penitenciárias.

A estrutura escolar adequada, confortável e convidativa não representa uma revolução no sistema de educação, muito menos será a resolução de todos os problemas que as escolas enfrentam, mas, pode ser parte de uma mudança pontual nas vidas de estudantes que já enfrentam *na pele* as consequências do capitalismo, desde à fome até a dissolução da família. Dessa forma, começar a repensar o investimento no espaço da escola, é pensar no bem estar das crianças e adolescentes, porém, é evidente que é ainda um debate pouco visível frente aos inúmeros outros problemas que as instituições públicas de ensino enfrentam, pois, comparado a outras escolas de Rio Branco, o Colégio de Aplicação está agora em um prédio com uma estrutura considerada boa, mediante a *perspectiva tradicional* do que uma escola precisa ser, o que diverge do que se elabora para uma escola cujo espaços não se equiparem a contenção física e intelectual dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação formal é permeada por diversas concepções ideológicas, essas distintas formas de pensamento são expostas através das leis educacionais, as delimitações de conteúdos, os currículos e demais componentes da educação formal. No CAP-UFAC se vê uma preocupação em pensar os atuais currículos, por isso, é perceptível divergências entre seu ensino e o ensino das redes estaduais. Parte da atenção do processo educacional no colégio está no tripé de ensino, pesquisa e extensão.

O ensino-aprendizagem percebido na disciplina de Sociologia pode ser sintetizado através da busca por uma efetividade do tripé universitário, visto que, os conteúdos abordados na ementa da disciplina focam na cientificidade acadêmica. Mesmo com o foco acadêmico, a humanização do processo de avaliação de aprendizagem torna a relação professor e aluno menos hierarquizados. Compreendendo a etapa de pesquisa, que ainda vem a ser pouco desenvolvida no colégio, o projeto Afrocientista, resultado de uma parceria entre NEABI e o professor de Sociologia, possibilitou aos alunos a participação em eventos acadêmicos, elaboração de textos científicos e letramento racial, abarcando os objetivos dos colégios de aplicação.

Mesmo com as questões de ensino aprendizagem caminhando de forma satisfatória, as nuances dos espaços físicos que a escola já teve, possuem impactos diretos nessa etapa, anteriormente citada. O CAP, mesmo seguindo formas de ensino não tradicional, como o uso de mapas mentais para avaliar os estudantes, o espaço atual e os demais espaços que desenvolvem o ensino, são expressões do controle social por parte da instituição de ensino.

As análises realizadas no Estágio II, foram introdutórias e podem ser revisitadas e aprofundadas futuramente, por isso, se faz necessário reforçar a natureza da síntese do que foi abordado, mas que ainda sim, possibilitou maior base formativa no período de estágio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Secretaria de Estado De Educação, Cultura e Esportes do Acre. *Currículo de Referência Único do Estado do Acre*, 2020a.

ALBUQUERQUE, Marluce Jacques de. *Retrospectiva histórica da didática e o educador*. In: Educação: teorias e práticas. UNICAMP: Pernambuco, Ano 2, nº 2, 2002. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7548/7548.PDF> . Acesso em: 10 de maio de 2025.

BODART, Cristiano das Neves. *Sociologia escolar: ensino, discussões e experiências*. 1. ed Porto Alegre: CirKula, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/37809660/Livro SOCIOLOGIA ESCOLAR Ensino discuss%C3%B5es e experi%C3%Aancias trecho apresenta%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/37809660/Livro_SOCIOLOGIA_ESCOLAR_Ensino_discuss%C3%B5es_e_experi%C3%Aancias_trecho_apresenta%C3%A7%C3%A3o) . Acesso em: 10 de maio de 2025.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB*. 9394/1996.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CANÁRIO, Rui. *O que é escola? Um olhar sociológico*. Porto: Porto Editora, 2005.

DURKHEIM, E. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (Orgs.) *Educação e Sociedade*. 10. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979. p. 34-48

ELIAS, Maria Eliza Vieira. *Evolução do espaço escolar no Brasil: Referências ao planejamento urbano de Limeira-SP*. São Paulo: UNESP, 2006.

ENGUITA, M. F. Do lar à fábrica, passando pela sala de aula: a gênese da escola de massas. In: HAMILTON, D. O revivescimento da aprendizagem? *Educação & Sociedade*. Campinas, SP, vol.23, n.78, abr./jul., 2002, p. 187-198.

ESCOLANO, Agustin. Arquitetura como programa. Espaço, Escola e currículo. In: ESCOLANO, A. e VIÑAO Frago, A. *Currículo, espaço e subjetividade*. A arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. n. 14. maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rjhxyFpJQ97LDYVJxkXybbD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREHSE, Fraya. *O espaço na vida social: uma introdução*. Estudos avançados 27 (79), 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/S7DCxsYnnmtRVNKjNyKpjcj/>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Ed. Atlas, 2008.

HARVEY, David. *A condição pós moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

JOSEPHINE et al. *Arquitetura Escolar brasileira – Olhar histórico, novos conceitos e parâmetros*. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, J. C.; FREITAS, R. M. M. (org). *Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar*. 1ª ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

LIMA, Reginâmio Bonifácio et al. (org). *Caminhos da Educação: trajetórias, desafios e perspectivas nos 40 anos do Colégio de Aplicação da Ufac*. Goiânia: Rio Branco: Alta Performance, Edufac, 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS. Ana Evelyn Andrade; OLIVEIRA, Ana Clara Brito de; LEITÃO, Luciney Araújo. *A Sociologia Escolar no Colégio de Aplicação da UFAC: Perspectivas e possibilidades curriculares*. In: VIII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica, 2023, Belém. Anais do VIII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica. Campina Grande: Editora Realize, 2023. v. 1. p. 1-2. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92404>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

MARTINS, Ernesto Candeias. Relações dos espaços com o tempo e organização escolar: Conversão dos espaços em patrimônio histórico-educativo e lugares de memória. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, Brasil, v. 27, n.2, p. 5-26, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/41074>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

MIRANDA, Pauline Vielmo; PEREIRA, Ascísio dos Reis; RISSETTI, Gustavo. *A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem das escolas técnicas*. Seminário Nacional de Pesquisa em Educação, EDUNISC. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

SALIBA, Elias Thomé. *Cultura / As apostas na República*. In: A Abertura para o mundo – 1889-1930. História do Brasil Nação: 1808-1910, Volume 3. São Paulo: Objetiva, 2012.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus . *Currículo e educação: conceitos e questões no contexto educacional*. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro. Graal. 2003. 4. ed.

SILVA, Jaderson Pereira. *Transposição didática ou resignificação pedagógica: o ensino de Sociologia no Ensino Médio*. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, RS, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do contexto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVANO, Filomena. *Antropologia do Espaço*. Lisboa: Documenta, 2017.

Recebido em: 21 de maio de 2025.

Aceito em: 30 de julho de 2025.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Ana Clara Brito de; LEITÃO, Luciney Araújo. O Colégio de aplicação da UFAC: ensino-aprendizagem e o espaço físico. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, v.9, n. 1, p.01-21, 2025.